

# OS RITUAIS FÚNEBRES, A MORTE E O MEIO AMBIENTE<sup>1</sup>

Anne Caroline Nava Lopes<sup>2</sup>

Dimas dos Reis Ribeiro<sup>3</sup>

RESUMO: A afirmação de que o imponderável dos imponderáveis é a morte é tão forte quanto os impactos que ela causa ao mundo dos vivos. Na organização dos destes, de praxe, o ser humano está habituado a conviver com a morte, o que não necessariamente importa no devido convívio com ela no meio ambiente. Tornar próximas as discussões da morte com a geografia possibilita uma conexão outra do mundo dos vivos com o mundo dos mortos que tem interferência não só no tempo como no espaço. A presente abordagem tem como foco a questão da contaminação das fontes de águas próximas a esses locais. Especificamente, o objeto empírico é o Cemitério São José, mais conhecido como Cemitério Boa Vista que fica localizado na cidade de Codó-MA. É importante ressaltar, que no Brasil no início do século XVIII, foram criadas legislações proibindo o sepultamento em igrejas e zonas urbanas, demonstrando a preocupação com a saúde pública. Apesar da previsão legal e da preocupação com o meio ambiente, o fato é que muitos cemitérios não estão preparados para o trato com o processo de decomposição do cadáver no qual é liberado o *necrochorume*, líquido composto por água, sais minerais e substâncias orgânicas, responsável pela contaminação do solo e aquíferos subterrâneos. Nesse sentido, problematizar o Cemitério São José que fica há poucos metros das nascentes do Rio Itapecuru na cidade de Codó-MA é uma necessidade crucial para dar visibilidade a um problema social que vive às sombras e escorado do domínio público local e, literalmente à margem de uma questão conexa da geografia com a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Cemitério, Necrochorume, Meio ambiente.

---

<sup>1</sup> Os autores autorizam o artigo PARA PUBLICAR EM ACTAS. XVII Jornadas Interescuelas. MESA 128: “Muerte entre los Siglos XVIII a XXI en América y Argentina: Continuidades, transformaciones y rupturas desde las representaciones, rituales, entierros y discursos sobre la muerte”

<sup>2</sup> Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Pinheiro e Doutora em Ciências Sociais pela UFMA.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Pinheiro e Doutor em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Campus de Franca.

## 1. INTRODUÇÃO

A perda contemporânea do sentimento religioso fez da morte uma provação aterrorizante, um trampolim para as trevas e o incognoscível. A solidariedade em torno da passagem da vida para a morte desapareceu e, hoje apressamo-nos para desembaraçar-nos do cadáver. ( DUBY, 1999: p. 122-123).

Nossa proposta neste artigo é realizar uma reflexão acerca das conexões entre os rituais fúnebres, a morte e o meio ambiente no Brasil, especificamente numa região do nordeste brasileiro, a cidade de Codó – MA, apontando algumas questões ligadas a este campo específico de produção interdisciplinar de abordagem. As pesquisas sobre a morte e o meio ambiente são extremamente esparsas e irregulares em nosso país. O próprio estudo da morte em nosso estado maranhense ainda é novo e de centros produtores acadêmicos restritos. Fora o silêncio peculiar sobre o tema, os motivos para este silêncio de produção são variados, mas poderíamos destacar como principal, um arraigado desinteresse acerca das investigações tanatológicas, seja por ainda serem percebidas como componentes de um imaginário —mórbido, seja pelo fato de que, por suas histórias muitas vezes não estarem no museu e findarem-se nos cemitérios, não merecem a atenção da região e, ou da sociedade.

Para além dessas considerações críticas que estão circunscritas nos *modos operandi* do pesquisador da área e da região, consideramos importante estabelecer uma conexão de problematização com campos acadêmicos próximos, que permitem um diálogo e aproximação com o objeto de estudo, submetendo a pesquisa a um agradável intercâmbio de visões e pluralidades.

Com efeito, este artigo tem por objetivo precípua analisar a partir da incursão da pesquisa de campo<sup>4</sup> o significado sócio-ambiental a partir dos efeitos das regulares práticas de rituais fúnebres, sobretudo enterramentos, do conhecido Cemitério São José, popularmente conhecido como Cemitério Boa Vista, localizado no nordeste do Brasil, no contexto de secularização dos cemitérios e de laicização da sociedade que em sua localização em proximidade as nascentes do Rio Itapecuru potencialmente acarreta consequências perigosas para o meio ambiente em virtude do local em que foi construído. Na perspectiva interdisciplinar analisa-se as relações intrínsecas entre a

---

<sup>4</sup> A referida pesquisa de campo foi desenvolvida no ano de 2017 na cidade de Codó-MA e contou com a participação do discente da Universidade Federal do Maranhão Augusto Aluizio dos Reis Santos a quem se devem os créditos de todas as imagens do cemitério Boa Vista no corpo desse trabalho.

morte e a contaminação ambiental em razão da decomposição do cadáver por meio da liberação de *necrochorume*.

Nesse sentido e, em correlação aos rituais fúnebres já afirmava George Duby (1999), no que corroboramos, “que a morte deve ser pensada como uma passagem, e essa passagem ocorre através de cerimônias. Para nós, a morte é uma coisa embaraçosa: é preciso livrar-se rapidamente do cadáver”. (DUBY,1999: p. 124).

Assim, a historiografia nos faz recordar que os corpos das pessoas mortas, ao longo da antiguidade, já tiveram muitas destinações e rituais fúnebres variados. Já foram enterrados, mumificados, cremados, jogados ao mar, etc. A partir do século XVII foi adotado mais comumente o enterro dos corpos dos mortos.

Com efeito, uma das primeiras observações de Elias (2001) é a que se refere ao fato da morte ser um problema para os vivos e não para os mortos – estes não têm problemas – e isso só acontece porque a morte é a consciência que temos dela. Nós, seres humanos, somos os únicos seres vivos a ter conhecimento da morte.

Desse modo, apesar de ser uma disposição “natural” dos animais e dos humanos, a morte, ou mais exatamente, o conhecimento da morte, que é para Elias restrito aos humanos, teve que passar pelo processo de aprendizagem. Nesse sentido diz Elias: Ela é variável e específica segundo os grupos, não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida<sup>5</sup>.

No início, as pessoas eram enterradas no interior e nos arredores das Igrejas para que estivessem mais próximas da salvação divina. Segundo Duby:

A transferência para os locais de sepultamento acontece furtiva e apressadamente. Na Idade Média, toda a família, os serviçais, os vassallos, todos se reúnem em torno daquele que vai morrer. O moribundo deve fazer muitos gestos, despojar-se distribuir entre os que ele ama todos os objetos que lhe pertenceram. Ele deve também declarar seus últimos desejos: exortar os que lhe sobrevivem a portar-se de forma melhor, e, evidentemente, submeter-se a todos os ritos que o ajudarão a ocupar, no além, uma posição que não lhe seja muito desagradável. O corpo do defunto, é a seguir, objeto de zelosos cuidados. Fica exposto algum tempo sobre o leito mortuário, que é depois transportado para a igreja. (Duby, 2001, p:124-127).

---

<sup>5</sup> Quando Elias (2001: p.11) fala sobre a aprendizagem do trato com o morrer e a morte, ele se refere ao processo que necessita ser apreendido das interpretações e de nossas habilidades sociais sobre os códigos, comportamentos e normas usados socialmente que garante a sobrevivência do próprio grupo, pois as determinações históricas da morte estão associadas diretamente às crenças e códigos que as pessoas têm e que costumam seguir.

Importante considerar que independente da demarcação temporal a preocupação com o corpo fazia-se presente e exigia dos vivos uma organização e destinação que comportasse o moribundo.

Interessante notar que no âmbito dos estudos sobre as práticas corporais e a administração estatal sobre o corpo, muitas foram as resistências em se trabalhar com esse tipo de objeto. Como apontou Dominique Memmi (2000), foi necessário chegarmos aos anos 60 para que os intelectuais franceses se esforçassem no sentido de abordar o corpo como objeto legítimo de estudo.

Nesse aspecto, tomando a morte, o corpo, o cemitério e o meio ambiente como elementos em estreita conexão, o presente trabalho desperta a reflexão de que a morte não se trata apenas de um caminho do qual ninguém escapa, mas de uma questão potencialmente perigosa de saúde pública, com riscos a sociedade que vão desde o comprometimento do ar aos lençóis freáticos.

## 2. A MORTE E O RISCO AMBIENTAL DAS NECRÓPOLES PÚBLICAS: o caso do Cemitério Boa Vista em Codó-MA

Após o falecimento, a destinação do corpo sem vida reflete na organização social e na prática religiosa daquela sociedade naquele momento histórico, pois “exprime a mentalidade fúnebre de uma época, já que a morte é reflexo da visão de mundo”. (VOVELLE, 1996: p.25).

Discutir temas ambientais relacionados à morte sempre vêm carregados de desafios e dilemas.

A convivência entre vivos e mortos, de um ponto de vista sócio-ambiental pode ter um preço alto. A história das mentalidades já registrava os primeiros questionamentos sobre enterros em igrejas e lugares inadequados da convivência rotineira dos vivos. Gases e líquidos emitidos pelos mortos prejudicavam a saúde dos vivos e isso exigiu mudanças. Em meados do século XVIII os enterros em solo dentro ou próximo a igrejas foram condenados. Desta forma, muda a figura do corpo humano morto de algo a ser protegido pelos santos das igrejas, para coisas fétidas e perigosas para a saúde dos vivos. (FOUCALT, 1992). Isto porque:

O corpo humano enquanto vivo permanece em equilíbrio com o meio ambiente, porém, após a morte, os cadáveres sepultados, seja por inumação ou tumulação, se transformam e têm os tecidos do corpo destruídos por ação de bactérias e enzimas decompositoras de matéria orgânica, resultando na

dissolução gradual e liberação de gases, líquidos e sais para o meio ambiente, ou seja, estão sujeitos a fenômenos transformativos, que podem ser divididos em fenômenos transformativos destrutivos e fenômenos transformativos conservadores (CAMPOS, 2007: p.26).

A mudança de sensibilidade, representações e organizações estatais em relação aos cadáveres leva a conseqüente proibição de sepultamentos nas igrejas. Os cemitérios foram, então, convencionados a última, eterna e adequada morada dos mortos. Todavia, eram muito pequenas as preocupações em como e se tais acomodações de sepultamento eram organizadas ou se seu local era adequado para sua colocação. O que se considerava importante era que os cemitérios estivessem distantes das cidades para não causar doenças.

Com efeito, no Brasil, já em 1801, por meio de Carta Régia se estabelece a necessidade de criar cemitérios distantes e fora das cidades, o que na realidade, não foi cumprido em seus pormenores.

Em meados de 1828 foi promulgada a Lei que estabelecia a obrigatoriedade dos cemitérios fora dos templos religiosos e a criação destes longe dos centros urbanos pelas câmaras municipais, apesar de não ser garantido o erário para que os municípios realizassem efetivamente essa normativa, o que tornava desde os primeiros registros legais a questão delicada, ainda mais porque se nutria, em certa medida, o entendimento de que, desde que estivessem longe, os mortos não eram mais capazes de gerar doença e “problemas”.

Segundo pesquisas, que apenas recentemente se iniciaram, “É possível identificar, na maioria dos cemitérios, desafios relacionados a planejamento, gestão, depósito inadequado de resíduos, entre outros desafios técnicos que afetam tanto às unidades de propriedade pública quanto às privadas”. (KEMERICH, UCKER, BORBA, 2014: p.3780)

A cidade de Codó – MA não está imune a esses desafios sociais e urbanos. Codó Localiza-se na mesorregião do Leste Maranhense. É uma das cinco mesorregiões do estado do Maranhão. Sua população foi estimada em 2018 pelo IBGE em 122 597 habitantes e possui uma área total de 4.361,318 km.

Importante mencionar que a cidade de Codó é cortada por vários córregos como o da Água Fria e por três rios principais que são o Codozinho, o Saco e o Itapecuru. O rio Itapecuru, é o maior rio em extensão do Maranhão.

O município de Codó está situado na região do Vale do Itapecuru a cerca de 350 quilômetros da capital São Luís. Senão vejamos:

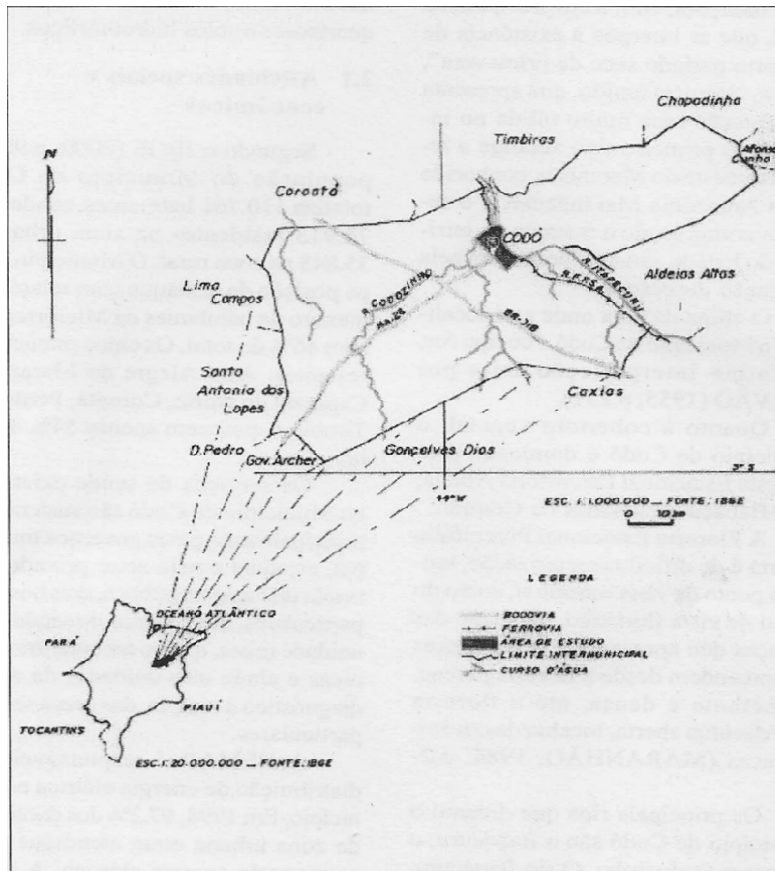


Figura 1 Mapa de localização do município de Codó-MA – Fonte IBGE

O Cemitério Boa Vista fica localizado no bairro São José também conhecido como “Trizidela”. Trata-se de um cemitério público ainda ativo na cidade. Vale destacar, que embora, as leis brasileiras tenham atualmente em sua “letra morta” exigido condicionantes assépticos para a realização dos rituais fúnebres de enterramento é, de certo modo, comum encontrar situações de comprometimento do meio ambiente em razão dos desrespeitos ao que preconizam as leis e, as vezes, até o estranhamento do que elas acabam permitindo, como veremos adiante no caso da normativa que disciplina os enterros no cemitério Boa Vista.

Com efeito, em comparação com outros momentos históricos de permissividade da convivência insalubre entre vivos e mortos Norbert Elias chama atenção para o fato de que:

Hoje as coisas são diferentes. Nunca antes na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida

social; nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito de morte à sepultura. (ELIAS, 2001: p, 30-31)

Entretanto, é preciso considerar os reais impactos ambientais que a relação da (des)organização da morte podem causar. Assim, a Resolução n.º 001/86 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) estabelece:

Artigo 1º - Para efeito desta Resolução, considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população; II - as atividades sociais e econômicas; III - a biota; IV - as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V - a qualidade dos recursos ambientais.

É exatamente a noção de *impacto ambiental* que adotamos nessa discussão sobre o cemitério São José, uma vez que observamos práticas e normativas desenvolvidas que não respeitam às devidas precauções, para não dizer que não respeitam as leis federais, ou para ser mais específico, que começam desrespeitando o próprio meio ambiente porque as leis municipais sem o cuidado de fazer uma escolha apropriada do local do cemitério acabam permitindo a agressão ao meio ambiente quando deveria evitá-las.

Partindo de um dimensionamento legal sobre a questão e, que implica no ponto principal do problema, o município de Codó tem uma lei de criação do referido cemitério que é a Lei nº 408/1971. Nela fica estabelecido em seu Art. 1º, a criação do cemitério público do bairro São José. Nesse mesmo artigo em seu parágrafo 1º fica determinado que: em local a ser escolhido deverá ser desapropriado pelo Poder Executivo, obedecendo ao plano de expansão daquele populoso bairro. (GRIFO MEU).

Ora, pela elaboração da lei já se mencionava que o bairro era populoso e, ademais, já se sabia onde se localizavam as nascentes do Rio Itapecuru. Inadvertidamente, o cemitério Boa Vista foi construído próximo às margens do referido rio que atualmente abastece a cidade de São Luís com a justificativa presente no próprio texto da Lei. Senão vejamos:

Em virtude da distância entre o bairro São José e o atual cemitério, é conveniente que seja criado naquele populoso bairro um campo santo (GRIFO MEU), evitando dessa maneira as dificuldades que atravessam os moradores daquela região, sempre por ocasião de sepultamento de um parente ou mesmo indigente. (LEI Nº 408/1971).

Chama-se atenção para o fato de que a própria lei destaca o que considera conveniente e não cita em nenhum momento em seus escassos dois artigos e respectivos parágrafos qualquer preocupação com o meio ambiente. Também é apropriado fazer menção que a questão que desperta real motivo de preocupação é evitar aos moradores do bairro o ônus de sepultamento de pessoas que moravam nele em ter que se deslocar até o cemitério central que ficava, na época considerado distante do bairro.

Porém, não se explorou a compreensão que ali perto de onde se autorizava a construção do cemitério Boa Vista havia as nascentes do Rio Itapecuru. O que por si só, representou um problema social e ambiental bastante perigoso.

Dessa forma, o objeto da pesquisa realizada caracteriza um problema social, sendo nosso objetivo “analisar o processo pelo qual se constrói e se institucionaliza o que, em determinado momento do tempo, é constituído como tal” e que o movimento de análise o define como um problema sociológico. (LENOIR, 1998: 73).

Em linhas gerais, devido a função do cemitério e com a prática dos sepultamentos neles, não houve no Brasil um cuidado com seus possíveis e perigosos impactos ambientais. E, por isso, historicamente, os cemitérios foram implantados de forma aleatória e em locais pouco valorizados, mas sem as devidas análises dos aspectos geológicos, hidrogeológicos e geotécnicos para avaliar seu impacto ambiental, logo seus riscos eram desconhecidos. Porém, hoje não são justificados, não são explorados, não são retificados e, não são discutidos para minimizar os seus efeitos danosos a sociedade.

Em meados do século XXI, esses impactos chamam a atenção de estudiosos e começam a ser realizados estudos interdisciplinares para compreender a natureza desses problemas.

Sabe-se, em decorrência dessas investigações, que os cemitérios apresentam risco de contaminação ambiental, em particular para as águas subterrâneas de menos profundidade, ou seja, o aquífero freático (Gagliano et al 2011: p. 1).

Devido à falta de controle, planejamento e principalmente de estudos minuciosos dos locais onde os cemitérios são instalados muitos deles se transformaram em risco efetivo contaminando o lençol freático em decorrência do *necrochorume* oriundo de cadáveres em decomposição. Abaixo, esquema de contaminação das águas (ANDRADE apud, KEMERICH 2014: p.3782).



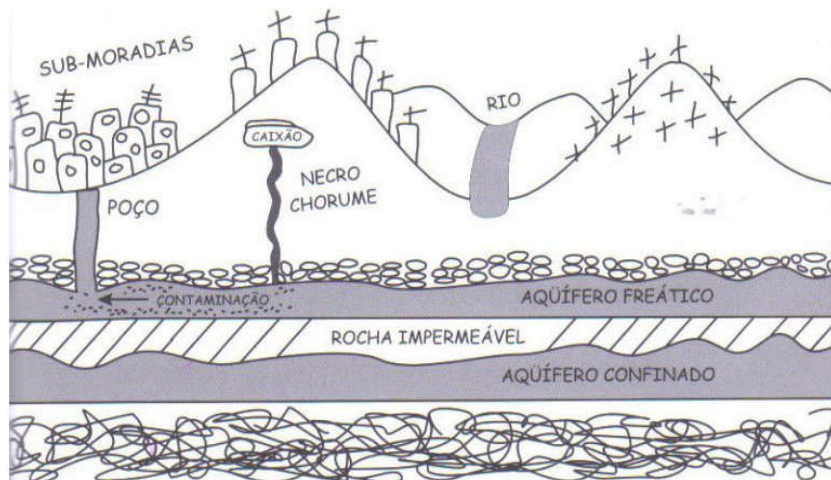


Figura 2 Esquema de contaminação do aquífero freático pelo *necrochorume*.

Cumprir destacar que os cemitérios e sepultamentos podem gerar impactos negativos na água, no solo, no ar, podendo ser vetores patogênicos e até de radioatividade. Por isso, faz-se necessário que os órgãos públicos levem mais à sério a concessão de alvarás e demais normativas para a instalação destes, como também o desenvolvimento de planos de reestruturação para adequação ambiental dos existentes.

Diante dessas precauções necessárias cumpre assinalar que na contramão da preservação adequada do meio ambiente encontra-se o Cemitério Boa Vista que fica localizado a aproximadamente 200 metros das nascentes do Rio Itapecuru. Assim:



Figura 3: Distância do cemitério Boa Vista para o Rio Itapecuru.

O rio Itapecuru<sup>6</sup> é um curso d'água brasileiro que banha o estado do Maranhão. Com 1.450 km de extensão e largura que varia de 50 a 120 metros, o rio nasce no sul do estado e flui no sentido nordeste–norte até desaguar na baía de São José, golfo Maranhense. (SILVA, 2007, p.2).

Como afluentes importantes tem-se o rio Alpercatas, rio Corrente, rio Pericumã, rio Santo Amaro, rio Itapecuruzinho, rio Peritoró, rio Tapuia, rio Pirapemas, rio Gameleira e rio Codozinho.

Com 52.972,1 km<sup>2</sup> e ocupando 16% do território estadual, a bacia do Itapecuru é genuinamente maranhense e abastece 60% da população de São Luís, além de outras cidades através do Estado. (SILVA, 2007, p.2).

A relevância do rio Itapecuru para o desenvolvimento dos municípios localizados na bacia configurou-se desde o Período Colonial, desempenhando importante papel no povoamento da área abrangida pela bacia, sendo a via mais acessível para o interior da região. (FEITOSA & ALMEIDA, 2002: p. 32).



Figura 4<sup>7</sup> rio Itapecuru Codó-Ma

Como já observado aqui, os cemitérios são um risco potencial para o ambiente. Logo, esse problema vem se agravar em virtude de que a maioria dos cemitérios foram construídos em lugares que apresentam valor imobiliário baixo sem quaisquer uso de estudos geotécnicos prévios. O não estudo das condições geológicas e hidrogeológicas

---

<sup>6</sup> O termo Itapecuru provém do tupi *ita* (pedra) *pe* (caminho) e *curu* (influência) e sua etimologia significa “água caminha entre as pedras”. Já o historiador Teodoro Sampaio sugeriu que os termos *itapé-curú* significavam “a laje formada de cascalhos ou seixos” ou “a laje áspera”. (SENA, 1979: p.13).

<sup>7</sup> Figura 4: disponível em: <[http://www.naturezabrasileira.com.br/foto/20575/rio\\_itapecuru\\_codo\\_ma.aspx](http://www.naturezabrasileira.com.br/foto/20575/rio_itapecuru_codo_ma.aspx)>. Acesso em 26 maio. 2019.

contribuem para a exposição da população residente nas proximidades das necrópoles aos riscos provenientes da atividade cemitérial.

Adverte-se, ainda, que o *necrochorume* pode facilmente alcançar as águas subterrâneas e estas podem ser captadas por poços feitos pela população que reside no entorno dos cemitérios. Todos os moradores nessa situação podem estar sujeitos a vários riscos de saúde. A água é vital para toda a vida existente no planeta, sobretudo, a água em condições de consumo adequado.

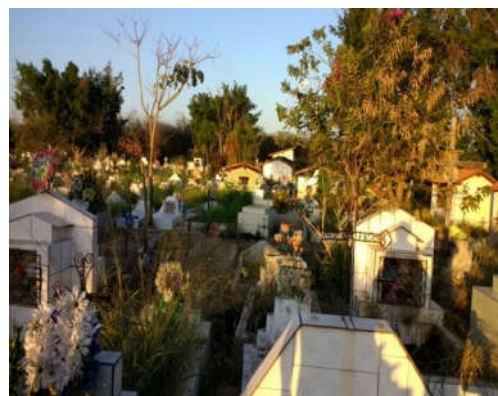
A água subterrânea forma-se quando as gotas de chuva se infiltram no solo e em outros materiais superficiais não-consolidados, penetrando até mesmo em rachaduras e fendas do substrato rochoso. Ela é extraída pela perfuração de poços e bombeamentos para a superfície. (PRESS, 2006: p. 320)

Importante notar que no caso do Cemitério Boa Vista existe em seus arredores um rio de grande importância para o estado do Maranhão que abastece, por exemplo, a cidade de São Luís, como já mencionado neste trabalho. Os impactos dessa relação insalubre entre vivos e mortos ainda não é conhecido por estudos<sup>8</sup> químicos na realidade local, mas, já se podem confirmar outros tipos de práticas de poluição do referido rio que tendem ao agravamento da situação.

O *necrochorume* é o principal responsável pela poluição ambiental causada pelos cemitérios. Nele pode conter quantidades elevadas de diferentes tipos de bactérias e muitos tipos de vírus causadores de doenças que podem ser veiculadas hidricamente. Nosso objetivo nesse trabalho foi dar visibilidade para esse grave problema de saúde pública em nosso estado. Abaixo seguem imagens do cemitério Boa Vista.



**Figura 5** Corredor entre mausoléus



**Figura 6** Túmulos frontais do cemitério

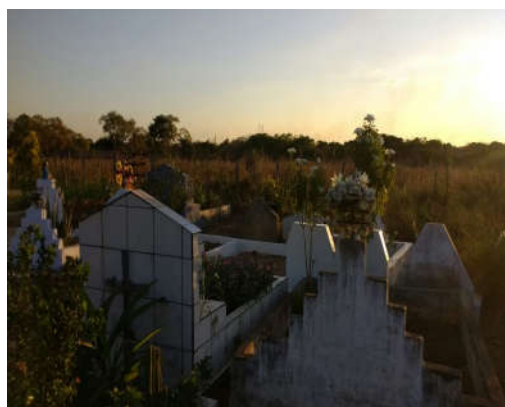
---

<sup>8</sup> Temos a perspectiva de desenvolvimento da segunda etapa dessa pesquisa sobre o estudo dos impactos das atividades cemiteriais próximas ao Rio Itapecuru dentro de uma parceria com o Curso de Química e Geografia da Universidade Federal do Maranhão. Essa etapa demanda custos e gastos dos quais ainda não dispomos para a realização da mesma.





**Figura 7** Detalhe ao fundo dos mausoléus



**Figura 8** Túmulos no fundo do cemitério



**Figura 9** Entrada do cemitério



**Figura 10:** Detalhe de casas às margens do cemitério



**Figura 11** Corredor de entrada



**Figura 12** Cova rasa no cemitério

A partir do registro das imagens apontamos que por trás da vegetação que aparece no plano de fundo das fotos passam as águas do rio Itapecuru.

Com efeito, os mais variados tipos de microorganismos patogênicos podem estar presentes no *necrochorume* presentes nesse espaço, e ao entrarem em contato com as

águas subterrâneas podem vir a comprometer a qualidade da mesma contaminando-a com os mais variados tipos de microorganismos, como já salientado.

Esta água possivelmente contaminada envolve, assim, questões diretamente relacionadas à saúde pública que precisam ser consideradas tanto quanto necessário parece ser a idéia de relativizar, em certo sentido, a afirmação clássica, inclusive já mencionada por esse texto de que “nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito de morte à sepultura”. (ELIAS, 2001: p, 30-31).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos nesse estudo, a partir dos resultados da primeira etapa do trabalho o entendimento de que os sepultamentos de cadáveres são, efetivamente, fontes de poluição para o meio ambiente, tal como ocorre no cemitério Boa Vista. Explicitamos uma inadequação, inclusive legal, da determinação do local que permitiu a construção do referido cemitério. É de suma importância que para a implantação de novos e o contínuo funcionamento dos cemitérios já existentes, sejam adotados estudos de natureza geológicas e hidrogeológicas que venham minimizar e evitar futuros locais de contaminação pela atividade cemiterial.

O cemitério Boa Vista possui seu indiscutível significado social e cultural de ritual dos vivos em relação aos mortos, mas, de toda forma, essa pesquisa, com esse objeto empírico, constitui uma contribuição de ampliação do sentido das discussões cemiteriais para além dessa dimensão chamando atenção para abordagens de cunho interdisciplinar que sejam capazes de dar fôlego a outras problematizações que envolvam a relação entre vida, morte e meio ambiente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, A. P. S. (2007). Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP. Recuperado de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6134/tde-25112007-172840/pt-br.php>

CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003 – Licenciamento Ambiental. Recuperado de: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>

DUBY, G. (1999). Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos. São Paulo: Editora UNESP.

ELIAS, N. (2001) A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FEITOSA, A. C. & ALMEIDA, E. P. (2002). A degradação ambiental do Rio Itapecuru na sede do município de Codó-MA. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. Recuperado de: [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%204\(16\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%204(16).pdf)

FOUCAULT, M. (2002a) Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (2000b) O nascimento da medicina social. In: Microfísica do poder. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal; 2000. p.79-98.

GAGLIANO, J. Et al. (2011). Resíduos De Cemitérios: um Problema Emergente .In: Anais do XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba p. 1-4. Recuperado de: [www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2011/anais/.../0034\\_0063\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/.../0034_0063_01.pdf)

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, (2018). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores. Rio de Janeiro: IBGE.

KEMERICH, P. UCKER, F. E. BORBA, W. F. de. (2014). Cemitérios como Fonte de Contaminação Ambiental: Infraestrutura superada dessas unidades pode afetar recursos hídricos e disseminar microrganismos ameaçadores para a saúde. Recuperado de: [http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios\\_como\\_fonte\\_de\\_contaminacao\\_ambiental.html](http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios_como_fonte_de_contaminacao_ambiental.html)

LENOIR, Remi (1998). "Objeto sociológico e problema social", In Patrick Champagne, Remi Lenoir & Dominique Merllié, Iniciação à prática sociológica, Petrópolis: Vozes.

MEMMI, D. (2000). Vers une confession laïque? La nouvelle administration étatique des corps. Revue française de science politique, Année 2000, vol.50, nº1 (p.3-20).

PRESS F.; SIEVER, R.; GROTZINGER, J. e JORDAN, T.H. (2006). Para Entender a Terra, Tradutor e Coordenador. Rualdo Menegat. Ed. Bookman. Porto Alegre, RS.

SENA, C. P. de. (1979). Introdução ao estudo de uma comunidade do agreste baiano: Itapicuru, 1830/1892: Fundação Cultural do estado da Bahia.

SILVA, R. N. M. (2007). Caracterização dos impactos ambientais no rio Itapecuru no trecho entre Veneza e Raízes na cidade de Caxias-MA. Universidade Federal do Maranhão. Recuperado de: [https://www.abrh.org.br/SGCv3/index.php?PUB=3&ID=19&SUMARIO=4419&ST=caracterizacao\\_dos\\_impactos\\_ambientais\\_no\\_rio\\_itapecuru\\_no\\_trecho\\_entre\\_veneza\\_e\\_raizes\\_na\\_cidade\\_de\\_caxias\\_ma](https://www.abrh.org.br/SGCv3/index.php?PUB=3&ID=19&SUMARIO=4419&ST=caracterizacao_dos_impactos_ambientais_no_rio_itapecuru_no_trecho_entre_veneza_e_raizes_na_cidade_de_caxias_ma)

VOVELLE, M. (1996). A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, H. e VERBEKE, W. (eds.) A morte na Idade Média. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.